

PAÍS EM **CRISE**

METADE DO ORÇAMENTO PARA PAGAR COMIDA

Salário menor e preços mais altos apertam as contas familiares

RAFAEL SILVA
rfreitas@redgazeta.com.br

O auxiliar administrativo José Miguel de Lima pesquisa bem os preços antes de fazer as compras de casa. Mesmo assim, ele estima que quase metade da renda vai embora no caixa do supermercado. “Os preços estão absurdos, estão aumentando demais. Já não tem de onde cortar, até os produtos básicos como arroz e feijão eu tive que diminuir”.

Assim como ele, milhares de capixabas estão destinando uma maior parte de seus salários para comprar comida. Isto se deve pelo maior aumento do preço dos alimentos, que tiveram uma inflação média de 13,7% no Espírito Santo nos últimos 12 meses, segundo os números do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Por outro lado, o rendimento médio dos capixabas teve um crescimento mais baixo. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), os trabalhadores estão recebendo neste ano 11% a

NO SUFOCO**R\$ 1.924**

É a renda média do capixaba. A cesta básica da classe média, por sua vez, já custa R\$ 1.665.

mais em média, em relação ao mesmo período do ano passado. Ou seja, a renda não está acompanhando o avanço dos preços.

Some-se a isso o aumento do desemprego, que atingiu 11,3% dos trabalhadores, e o de empregados que tiveram que renegociar seus salários para não perderem seus postos e temos uma situação complicada.

De acordo com a Pnad, o rendimento médio do trabalhador capixaba é de R\$ 1.924. O salário mínimo está em R\$ 880. A cesta básica medida pelo Dieese em Vitória chegou, em junho, a R\$ 428,69, quase que na metade do mínimo. Há um ano, a mesma cesta custava R\$ 387,92 - uma alta de 10,5%.

Quem gosta de algo mais



MARCELO PREST

José Miguel diz que metade de sua renda fica no supermercado: “subiu demais”

elaborado também está ficando com o carrinho mais vazio. O custo da cesta básica da classe média na Grande Vitória, medida pela Faculdade Doctum e composta apenas por alimentos, chegou a R\$ 1.665,60 em junho, bem perto da renda média do capixaba. Há um ano, a mesma reunião de produtos saía por R\$ 1.440,70 - ou seja,

um avanço de 15,6%.

Buscando um novo emprego após ser demitida, a operadora de caixa Jaqueline Carvalho revela estar cortando para compensar o consumo maior no supermercado. “Estou praticamente pagando só alimentação. Os preços aumentaram muito e, desempregada, fica ainda mais difícil controlar as contas”.

O professor de economia da Faculdade Doctum de Vitória, Paulo Cezar Ribeiro, diz que o cenário atual lembra a crise da hiperinflação, que, durante o final dos anos 80 e início dos 90, fazia o preço de produtos e serviços aumentar com maior frequência. “Faço a análise dos preços dos produtos básicos da cesta básica nos supermercados de Vitória há

quase 10 anos. Nunca vi chegar ao nível que estamos agora. Têm produtos que inflacionaram até 50% de um ano para o outro”.

DICAS

Entre os itens básicos que ficaram mais caros, está o leite, que teve uma variação de 43,6%, passando de R\$ 2,22 para R\$ 3,18; o arroz que custava R\$ 10,13 e passou para R\$ 12,02, com alta de 18,7%; o feijão que subiu 19,2%, indo de R\$ 4,46 para R\$ 5,32; e o açúcar, que aumentou 53,4%, saindo de R\$ 2,05 para R\$ 3,16.

Para não comprometer ainda mais o orçamento, o professor dá dicas para driblar os altos preços dos alimentos nos supermercados. “Temos que gastar sola de sapato. Para economizar é preciso pesquisar e checar os preços nos supermercados que se tem perto de casa. É bom ficar atento às rotinas de promoções de cada estabelecimento, já que eles costumam dar descontos em setores diferentes a cada dia da semana”.

GUILHERME FERRARI



Salário curto

O aposentado Nélio Vial afirma que o que ganha paga sua alimentação, os remédios que sua família precisa e as contas de casa. Segundo ele, dificilmente sobra dinheiro no fim do mês. “Se aparece algum imprevisto, ou eu abro mão de alguma coisa ou terei que me endividar, parcelando ou usando o limite do cheque especial”, conta.



GUILHERME FERRARI

Pagando só a alimentação

Além do aumento dos alimentos, o desemprego tem apertado ainda mais as contas dos capixabas. Após ser demitida, a operadora de caixa Jaqueline Carvalho está diminuindo o consumo para compensar o aumento dos gastos. “Não tenho opção. Os preços aumentaram muito e, estando desempregada, fica ainda mais difícil controlar as contas”.



Para bancar as compras, só se endividando

Famílias precisam recorrer ao cheque especial e ao cartão para comprar comida

▄ **RAFAEL SILVA**
rfreitas@redgazeta.com.br

Após meses sem emprego, o locutor Dimitri Ribeiro está aos poucos reorganizando a sua vida. Com a carteira assinada, ele pretende pagar a dívida de cerca de R\$ 10 mil com operadoras de cartão de crédito que contraiu quando estava desempregado. Sem ver outra solução para manter a comida na mesa, Dimitri se viu obrigado a parcelar as compras do supermercado, mesmo sabendo que não teria como cobrir as parcelas.

“Sabia que era arriscado parcelar a compra de comida e outros produtos que são consumidos todos os

meses, mas na hora do desespero é preciso apelar para o que temos ao nosso alcance. Fiz isso duas vezes e perdi de vez o controle das contas. A gente pode deixar de pagar tudo, água, luz e telefone, só não dá para deixar faltar comida”.

O ato de desespero de Dimitri é um dos grandes vilões do endividamento. Parcelar gastos rotineiros, que precisam ser refeitos de tempos em tempos, como a compra de comida ou de remédios, é extremamente desaconselhável, já que fará com que a dívida do mês anterior se some com a do mês seguinte e torne-se impagável.

Infelizmente essa é a realidade de muitos. De acordo com a Fecomércio-ES, quase que dobrou o índice de pessoas, em Vitória, que declara não ter con-

LÁ EM CIMA

400%

de juros

É em quanto podem chegar os juros do cartão de crédito em um ano.

dições de pagar suas contas. Em maio do ano passado, 6,6% se diziam nessa situação, agora, são 11,7%.

O aposentado Nélcio Vial se viu assim. Ele conta que precisa gastar entre R\$ 300 e R\$ 400 todos os meses com os seus remédios, os de sua esposa e o de seu filho, que é autista. “Meu orçamento é muito curto, se aparece um imprevisto, tenho que abrir mão ou parcelar algo. Há oito meses parcelei

remédios e alimentação. Sem conseguir pagar as parcelas, minha dívida acumulou e chegou em R\$ 3 mil. Os juros do cartão são muito altos, não dá para vacilar. Mas quando a necessidade aperta, não tem jeito”.

ESPERANÇA

O economista Mário Vasconcellos aponta que as famílias estão se endividando mais não por estarem consumindo mais, mas sim por estarem recebendo salários menores. Apesar disso, ele vê um segundo semestre, em 2016, com uma economia melhor, com inflação mais controlada, surgimento de novas vagas de emprego e aumento dos investimentos no país.

Ainda assim, Vasconcellos alerta que, além dos fatores econômicos, é pre-



Sem emprego, Dimitri acumulou dívida de R\$ 10 mil

ciso torcer para que o clima ajude. “A economia começa a mostrar sinais de recuperação. A redução no preço dos alimentos,

entretanto, vai depender muito das condições climáticas. Se ela for boa agora, garantirá boas colheitas lá na frente”.